



DOSSIÊ - MASCULINIDADES

**Entre medo, fuga e destino**Figurações de masculinidades afro-estadunidenses no romance *Native Son*

Douglas Pereira Diniz, *Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

Resumo. A presente pesquisa busca compreender as figurações de masculinidades negras nos Estados Unidos por meio de um romance da literatura afro-estadunidense intitulado *Native Son* (1940), do escritor Richard Wright. A história fictícia é ambientada em Chicago, ao final da década de 1930, apresentando as consequências da segregação racial na vida de Bigger Thomas, um jovem negro que, acidentalmente, é compelido a cometer o assassinato de uma jovem branca chamada Mary Dalton. O sucesso imediato de *Native Son* e as edições posteriores do romance tornaram Richard Wright um dos autores mais importantes da literatura afro-estadunidense no século XX. Porém, ao mesmo tempo em que a obra foi um sucesso comercial, ela também foi lida e interpretada de diferentes maneiras nas décadas seguintes ao seu lançamento. Uma das principais questões em relação ao exame do romance é o debate em torno da figuração do homem afro-estadunidense por meio do protagonista, Bigger Thomas. Dado o contexto de produção em torno da obra e as decorrentes leituras e interpretações feitas nas décadas subsequentes, o presente artigo busca entender como a ficção escrita por Richard Wright compõe figurações acerca do homem afro-estadunidense em diálogo com a recepção crítica da obra.

PALAVRAS-CHAVE: *Native Son*. História e Literatura. Masculinidades Negras.



Do corpo à carne; do humano ao não-humano: homens negros no cenário contemporâneo de gênero

“Mesmo expondo-me ao ressentimento dos meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem”. (FANON, 2008, p.26)

Em 1952, Frantz Fanon apresentava em *Pele Negra, Máscaras Brancas* a provocação de que o negro, recluso em seu corpo racializado, antes de ser homem, é negro - e, ainda que, por vezes, deseje fugir a essa condição, ele não poderia descrer de sua realidade visualmente imposta. Para Fanon, “o negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo.” (FANON, 2008, p. 26).

É bem verdade que Fanon não limita a sua afirmação ao gênero masculino, mas é possível considerar que o psiquiatra e filósofo martinicano apresenta uma condição em que se encontram os homens negros na sociedade ocidental contemporânea: é como se o seu corpo, à frente dos olhos que o percebem e o filtram, ditasse uma incompletude diante do que se compreende como *homem*; há uma *falta* que não ocorre a qualquer corpo considerado masculino, mas sim a corpos de homens negros, que são discursivamente mais racializados e, conseqüentemente, mais subalternizados do que outros. Sob essa condição, a busca e o reconhecimento por ser homem importaria, sobremaneira, uma “(auto) negação” do sujeito negro à sua própria aparição (RIBEIRO, 2017, p. 167).

A questão levantada por Fanon fornece caminhos para pensar como a constituição corporal dos sujeitos tem um caráter essencial à compreensão do que se convencionou chamar “gênero”. Amiúde o seu caráter imprescindível para a discussão, pensar os corpos possibilita a compreensão de um mundo que está para além de sua delimitação (BUTLER, 2019, p. 9). Em *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*, Judith Butler enfatiza que existem “fatos” constitutivos a todos os corpos – tais como o nascimento, o crescimento, o envelhecimento, a reprodução e a necessidade vital de alimentação e descanso -, mas esses fatos constitutivos não eliminam o caráter discursivo e processual que sujeita os corpos a normas regulatórias e significados hierárquicos de poder (BUTLER, 2019, p. 12).



Raewyn Connell demonstra que as características hormonais e/ou genitais não são determinantes para que um indivíduo corresponda a um determinado gênero - isso por si só relaciona os sujeitos a um dado dispositivo sexual, que também é discursivamente estruturado. Por outro lado, os corpos também não devem ser considerados como simples “tábulas rasas” - ou correspondentes neutros e passivos - para que as características sociais correspondentes aos gêneros masculino, feminino e/ou outros, ajam sobre eles. Há, sim, nas sociedades ocidentais contemporâneas, certos traços culturais que expressam ligação com um, nenhum ou mais de um gênero; no entanto, as práticas sociais responsáveis por comunicar que um indivíduo expressa ou se identifica com um gênero específico não são dadas *a priori*. Corroborando com as ideias de Butler, a categoria “gênero”, em última análise, pode ser compreendida como os atos performativos estilizados e constantemente reiteradas no mundo social (BUTLER, 2018, p. 3), de forma que seus significados simbólicos são mediados cultural e historicamente, sendo passíveis de mudanças e contestação mediante o tempo e a cultura em que se inserem. Butler enfatiza que a performatividade de gênero não pode ser compreendida como um ato singular e voluntarioso, pois, ao exercer um ato performativo, o sujeito generificado apenas reafirma um ato previamente executado por outrem, de maneira que:

[...] o gênero é um ato que já foi ensaiado, assim como um roteiro sobrevive aos atores específicos que fazem uso dele, mas depende de atores individuais para ser novamente atualizado e reproduzido como realidade (BUTLER, 2018, p. 11).

Isso não quer dizer, no entanto, que a performatividade como ato inconsciente e incessante seja sinônimo de atividade mecânica ou automática, pois trata também de uma atuação improvisada, de maneira que o gênero não é “feito” individualmente, de maneira que o sujeito “faz” o gênero *para e com* alguém (BUTLER, 2022, p. 22). Butler entende que tais atos performativos não são expressos apenas como experiências cognitivas e abstratas; ao contrário, a experiência dos atos performativos de gênero deve ser compreendida em sua materialidade, produzida na linguagem do discurso. Connell, como autora contemporânea de Butler, afirma que a materialização de gênero se dá por meio dos corpos, mas enfatiza que essa materialização é responsável por ordenar as reproduções das práticas sociais inscritas nas relações generificadas:

[...] em nossa cultura, pelo menos, o sentido físico da masculinidade e feminilidade é central para a interpretação cultural do gênero. O



gênero masculino é (dentre outras coisas) um certo sentir na pele, certas formas e tensões musculares, certas posturas e formas de se mover, certas possibilidades sexuais. A experiência corporal é frequentemente central nas memórias de nossas vidas e, portanto, no nosso entendimento de quem e o que somos. (CONNELL, 2005, p. 52-53)

A leitura de Elsa Dorlin sobre os atos performativos de gênero compreende que os enunciados discursivos mediados pela linguagem também seriam determinantes à noção de performatividade, de maneira que o gênero já esteja presente antes do corpo entrar em cena – vide, por exemplo, a ultrassonografia, que anuncia o “sexo” da criança meses antes do nascimento. São atos discursivos responsáveis por reafirmar concepções de gênero ilusoriamente estáveis, que fabricam o que dizem, formam sujeitos restritivamente generificados (DORLIN, 2021, p. 114). Dessa maneira, a reiteração discursiva é responsável pela encarnação das normas de gênero, um processo coercitivo de naturalização dos atos performativos disciplinares. É nesse sentido que Butler enfatiza que o próprio sexo não deve ser entendido como uma “natureza sexuada”, pré-discursiva, mas sim como um meio discursivo/cultural, que tem uma história própria de formação, estritamente vinculada à nomeação regulatória e restritiva do próprio gênero. Com efeito, Butler entende que sexo e gênero não se distinguem (BUTLER, 2003, p. 25), de maneira que o gênero não pode ser compreendido como a interpretação cultural de um sexo estável, uma vez que a categoria “sexo” seria, desde o princípio, também uma produção cultural/discursiva (BUTLER, 2019, p. 15).

É evidente que a discussão sobre corpos é essencial para a compreensão dos estudos de gênero, mas é válido salientar que a importância dada ao corpo como alicerce da composição e das relações sociais seria uma noção majoritariamente ocidental. No livro intitulado *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*, a socióloga nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí enfatiza que, ao investigar os impactos do colonialismo europeu na sociedade iorubá, pôde perceber como o gênero não seria um condicionante de autoridades e privilégios em dada organização social antes do contato estrangeiro e imperialista. O gênero como dispositivo de poder, ou, como afirmou Joan Scott, “uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86), seria uma herança majoritariamente ocidental, que exerceu forte influência nos países de passado colonial e escravista - como é o caso do próprio Estados Unidos. Nessa lógica, ao entender que o corpo sexuado e



generificado no Ocidente tem uma história própria, Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí afirma que:

A noção de sociedade que emerge dessa concepção é a de que a sociedade é constituída por corpos e como corpos – corpos masculinos, corpos femininos, corpos judaicos, corpos arianos, corpos negros, corpos brancos, corpos ricos, corpos pobres. (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 27)

Oyěwùmí também destaca como a História das sociedades ocidentais buscou privilegiar a documentação de um pensamento racional que pressupunha uma binaridade entre corpo e mente, num cenário em que “se os corpos aparecem, eles são articulados como o lado degradado da natureza humana. O foco preferido tem sido na mente, elevada acima das fraquezas da carne.” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 29). Mediante essa binaridade fundada pelo pensamento ocidental, a “ausência do corpo” teria sido uma pré-condição ao pensamento racional – o que excluiria mulheres, povos africanos, judeus, povos originários e todos aqueles considerados como “corporalizados”, os *Outros* do homem racional e, por consequência, sujeitos à dominação.

E uma vez que o discurso sobre corpo é considerado, ao menos no Ocidente, um ponto basilar para a organização social, a constituição física dos sujeitos será sempre posta em evidência, provocando um olhar de diferenças e diferenciações - e isso inclui a formação histórica do olhar generificado sobre o sexo (SCOTT, 1995, p. 75). Seguindo essa lógica, Homi Bhabha afirma que o corpo seria alvo de significados conflitantes: compreendido como desígnio de prazer e desejo; bem como objeto do discurso de dominação e poder (BHABHA, 1998, p. 107). Assim, no que se refere aos homens negros, seu corpo seria alvo de uma ambiguidade, uma vez que seria compreendido pelo medo e pela repressão, bem como pelo desejo e pelo consumo, o que bell hooks chama de um “canibalismo sexual simbólico” (hooks, 2004, p. 63). É por esse caminho, de monopólio de um regime de visualidade próprio ao mundo ocidental, que o filósofo afro-estadunidense Tommy J. Curry enfatiza que:

Em uma sociedade racista, o corpo do homem negro tem uma lógica própria. A mera visualidade sobre o seu corpo o diferencia de um homem branco (o humano) e o separa em uma espécie de filogenia do humano. O homem negro é definido por essa distância do *homem*, sua natureza é substituída pela do bruto e selvagem; sendo transformado em horror. (CURRY, 2017, p. 34, tradução nossa)¹

¹ No original: “In a racist society, the Black male body has a logic all its own. Merely seeing the body of Black male differentiates it from that of white man (humanity) and separates it in kind from the



O que mais interessa ao conceituar a importância da experiência corporal é a ocorrência de que não há um *corpo*, mas sim *corpos*; a evidência de que existem corporalidades em todas as suas diversidades tangíveis e em seus reconhecimentos múltiplos. Connell destaca que “o que é verdadeiro para os corpos em geral é verdadeiro para os corpos dos homens em particular. Para começar, eles são diversos, e se tornam mais diversos conforme crescem e envelhecem.” (CONNELL, 2005, p. 56). Entender, nessa lógica, a diversidade dos corpos e, particularmente, dos corpos masculinos, implica considerar que as experiências ocidentais de gênero são variadas, e isso proporciona uma percepção mais ampla sobre as diferentes experimentações das masculinidades na realidade cotidiana - abrindo espaço, dentre outras coisas, para a racialização do debate em questão. Interessa entender o discurso em torno das atividades exercidas pelos diferentes corpos: o que fazem e o que são permitidos de fazer em meio às dinâmicas sociais de gênero (CONNELL, 2005, p. 60). É dessa maneira que Connell não se fixa em um significado inerente aos corpos a partir de um caráter essencialista. O que a autora chama de “práticas reflexivas corporais” permite um entendimento dos corpos que desloca um caráter interno e subjetivo para um processo mais amplo, dinâmico e simbólico de relações sociais. Assim, versões particulares e plurais de masculinidades são constituídas por meio de corpos significados discursivamente, de forma que não apenas vidas individuais se formam, mas todo um mundo no qual o valor aos corpos está em estreito diálogo com as suas interações culturais (CONNELL, 2005, p. 64).

É assim que Hortense Spillers, no entanto, faz uma provocação pertinente em seu texto ironicamente intitulado como *Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense*. A autora enfatiza que a condição diaspórica estabeleceu um “roubo do corpo” e uma consequente *de-generificação* do sujeito cativo; o discurso colonial fundou uma condição em que o “corpo feminino e o corpo masculino tornam-se um território de manobra cultural e política, em nada relacionado ao gênero, específico do gênero.” (SPILLERS, 2021, p. 34). Spillers denota que há uma distinção entre *corpo* e *carne*, uma dessemelhança que seria a questão central para diferenciar o sujeito *cativo* e o sujeito *liberto* - podendo-se estender à noção de *humano* e *não-humano*, de *homem* e *não-homem*, uma vez que “nesse sentido, antes do 'corpo' existe a 'carne', aquele grau zero de contestação social

phylogeny of the Black male is defined by this distance to MAN, his nature beeing replaced with that of the brute and savage; he is made in horror.”



que não escapa da dissimulação sob a escova do discurso ou dos reflexos da iconografia.” (SPILLERS, 2021, p. 34). Richard Wright descreve esse processo de desumanização na obra *12 Million Black Voices*, ao lembrar que quando o corpo negro foi roubado do continente africano e forçado a experimentar a chamada "passagem do meio", o resultado foi a "sede, a fome, os horrores do navio negreiro - tudo isso nos esvaziou, nos entorpeceu, nos despiu e deixou apenas impulsos fisiológicos, além dos sentimentos de medo e fadiga (WRIGHT, 2019, p. 15, tradução nossa)².

Essa dicotomia imposta entre *corpo* e *carne*, própria à colonização moderna, à passagem do meio e à escravidão, seria responsável não apenas por demarcar *quem* seria entendido como *humano* e *o que* seria entendido como *não-humano*, mas também serviu para aderir uma noção de civilização, em que apenas os ditos civilizados seriam compreendidos pela dicotomia *homem* e *mulher*, enquanto os sujeitos colonizados seriam julgados como animais incontrolavelmente sexuais e selvagens: *machos* – não-humanos-por-não-homens - e *fêmeas* – não-humanas-por-não-mulheres (LUGONES, 2014, p. 937). Dá-se a esse processo de longa duração e ainda presente na realidade cotidiana o nome de *colonialidade do gênero*, termo cunhado pela socióloga Maria Lugones, ao que a autora considera inferir diretamente nas relações de gênero, classe e raça no sistema capitalista global (LUGONES, 2014, p. 939).

Para além de reconhecer a distinção entre *corpo* e *carne* e as relações de poder discursivamente dadas às constituições físicas dos sujeitos, é essencial compreender as interações entre os homens para um entendimento sobre as múltiplas formas de masculinidades. Connell, ao considerar as diferenças de raça, classe, sexualidade, nacionalidade, religiosidade e territorialidade, nomeia como *masculinidade hegemônica* uma categoria correspondente aos homens que desfrutam de uma posição dominante na sociedade patriarcal - ocupada por homens brancos, heterossexuais, cisgêneros, ocidentais, cristãos e dono-proprietários. Embora, em certo grau, a masculinidade hegemônica compreenda um número restrito de homens “reais” inseridos no mundo social, para Connell, a hegemonia existe na medida em que essa categoria funciona como uma implicação normativa, ditando um paradigma a ser seguido e referenciado. Mas Connell também demonstra que a masculinidade hegemônica não é um

² No original: “[...] thirst, the hunger, the horrors of the slave ship - all these hollowed us out, numbed us, stripped us, and left only physiological urges, the feelings of fear and fatigue.”.



constructo fixo e a-histórico, sendo passível de modificações, substituições e, sobretudo, contestações por outros grupos generificados. Desse modo, há uma outra categoria que a autora nomeia como *masculinidades marginalizadas*: sustentadas, a exemplo do contexto de supremacia branco patriarcal, por um sistema de opressão e dominação – nesse caso, a dominação de homens brancos sobre homens negros (CONNELL, 2005, p. 81).

O argumento de Connell apresenta um problema ao afirmar que quando a masculinidade hegemônica se insere como normativa sobre outras categorias, ela acaba limitando a elaboração das masculinidades negras por um sistema de dependência com o modelo hegemônico e, assim, cria o *desviante*, ou o sujeito reconhecido pela *falta*, o homem que é resultado da racialização que compõe a sua *carne* como o *Outro* conceitual da masculinidade branca. Sylvia Wynter coloca muito bem essa questão em “Nenhum Humano Envolvido: carta aberta a colegas”, ao perguntar:

Como é que vieram a conceber o que significa ser *humano* e *estadunidense* nos tipos de termos (isto é, ser branco, de cultura e ascendência euro-estadunidense, de classe média, com Formação universitária) dentro de uma lógica que *percebe* e, portanto, *trata* a categoria de homens Negros jovens desempregados e que geralmente abandonaram os estudos ou foram abandonados pelo sistema escolar como se fosse apenas a *Falta* do humano ou o *Outro* Conceitual ao ser estadunidense?. (WYNTER, 2021, p. 73)

A questão de Wynter parte do caso do júri imparcial que absolveu os policiais que perseguiram, encurralaram e espancaram um homem negro chamado Rodney King, no início da década de 1990. A autora enfatiza como os funcionários públicos do sistema judicial de Los Angeles se referiam aos jovens homens negros sob condição de desemprego pelo acrônimo *N.H.I.* (*No Humans Involved*), uma categoria classificatória que foi responsável por dar carta branca para que a polícia de Los Angeles atuasse como bem entendesse contra a *carne* de homens classificados como *N.H.I.*. Após o ocorrido, a cidade de Los Angeles foi marcada por protestos que ficaram conhecidos como *Rodney King Riots*. Os protestos chegaram a resistir à Guarda Nacional da Califórnia, ao Exército e à Marinha estadunidense. Foram presas mais de doze mil pessoas, mais de duas mil foram feridas e sessenta e três acabaram sendo mortas.

Wynter, no entanto, vai além da questão puramente factual do problema em torno dessa ordem classificatória imposta aos homens



negros em Los Angeles. A autora evoca o que o escritor afro-estadunidense Ralph Ellison chama de *olhos interiores*: “aqueles olhos com os quais olham a realidade através dos olhos físicos.” (ELLISON, 2021, p. 31); uma espécie de consciência interior que denomina o *humano* e *estadunidense* enquanto homem branco de classe média (WYNTER, 2021, p. 73). A realidade com a qual estes *olhos interiores* atuam mediando a visão dos olhos físicos fundamenta um esquema de percepção que legitima a exclusão de homens negros de qualquer elaboração moral e humana diante de problemas como violência, hiperssexualização, castração simbólica e hipermasculinidade. É sob o olhar seletivo – mas não subjetivo – dos *olhos interiores* que o corpo do homem negro acaba sendo visto como um exemplo de patologia do *masculino-branco-universal*, uma patologia que também é intrínseca à uma ideia disforme e excessiva da masculinidade branca. Acaba que a masculinidade negra é figurada como a *de-generificação* do homem branco – compreendido como o sujeito universal em uma relação hierárquica de raça e gênero.

Pensar a categoria de *humanidade*, segundo Butler, é também pensar que termos responsáveis por conferir a noção de *humano* a determinados sujeitos é igualmente responsável por privar outros indivíduos de alcançarem esta mesma condição, diferenciando o *humano* do *menos-que-humano*, o sujeito que detém direitos na esfera política e social e o sujeito que é excluído de qualquer participação organizacional da sociedade (BUTLER, 2022, p. 12). Butler ainda entende que quando o próprio Fanon afirma que “o negro não é um homem”, a frase denota uma noção de feminização do homem negro, afirmando que o sujeito que não é considerado *homem* em um sentido genericamente masculino³, também não é considerado *humano*, e isso demonstra como a noção de *masculinidade* em uma relação estreita com a o privilégio racial configura uma noção restrita de *humanidade* (BUTLER, 2022, p. 31).

A negação da humanidade de homens negros, ou o que Tommy J. Curry prefere chamar de *Man-Not-ness*, denota a situação de vulnerabilidade em que homens e meninos afro-estadunidenses são

³ Por “genericamente masculino”, J. J. Bola compreende que a imagem imediata e genérica associada aos “homens” é a de um sujeito de corpo atlético, voz grave, branco e heterossexual, o que denota uma percepção estática do termo “homem” e exclui outras imagens de masculinidades da categoria de gênero masculino. Ver: BOLA, J.J. Vejo você na encruzilhada: interseções da masculinidade. In: _____. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada. Tradução: Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020, p. 107-123. p. 107.



inseridos: tendo as suas personalidades, bem como as percepções de si mesmos, substituídas e determinadas pelos medos e desejos de *Outros* (CURRY, 2017, p. 34). Por isso, é possível perceber que Richard Wright já compreendia muito bem as questões colocadas por Butler, Wynter e Curry ao descrever como os *olhos interiores* das personagens de *Native Son* vislumbram e odeiam o protagonista Bigger Thomas - não apenas pelo seu crime acidental, mas também pela sua dessemelhança com o *humano-homem-branco*, pois, “para aqueles que gostariam de matá-lo ele não era um humano, não estava incluído na imagem da Criação [...]” (WRIGHT, 1991, p. 710, tradução nossa).⁴

Connell, no entanto, afirma que a “marginalização é sempre relativa à *autorização* da masculinidade hegemônica do grupo dominante.” (CONNELL, 2005, p. 80, tradução nossa)⁵. Sim, é evidente que, considerando as estruturas de gênero como relações de poder, o que se considera hegemônico exerce influências sobre as formas não hegemônicas de ser homem; porém, ao perceber, dessa maneira, as masculinidades negras pela lógica de uma marginalização dependente de uma hegemonia modeladora, o modelo de Connell apresenta uma insuficiência, uma vez que a autora limita as complexidades subjetivas vividas por homens e meninos negros, desconsiderando as múltiplas práticas sociais experienciadas por eles, reduzindo-os a um *status* político subordinado inerente à estrutura racial da sociedade (RIBEIRO, 2015, p. 57). Embora seja pertinente elaborar o conceito de *masculinidade hegemônica* como categoria normativa no que se refere à posição e às práticas de poder entre homens na sociedade patriarcal contemporânea; e que, diante do racismo e suas consequências longínquas foram estabelecidos lugares diferentes aos homens negros e aos homens brancos, é preciso entender que também existem inúmeras possibilidades de os grupos formarem suas identidades de gênero por meio de relações e manifestações culturais próprias. A atenção deve ser dada para não recair em uma ordem psicanalítica freudiana, afirmando que homens negros buscam emular e se perceber como patriarcas ao lado de homens brancos de classe média, como um impulso edipiano em direção ao *pai* da masculinidade branca, a fim de “compensar”, por uma lógica fálica e individualista, sua própria subjugação ante uma realidade patriarcal (CURRY, 2017, p. 10).

⁴ No original: “To those who wanted to kill him he was not human, not included in that picture of Creation [...]”.

⁵ No original: “Marginalization is always relative to the *authorization* of the hegemonic masculinity of the dominant group.”.



É preciso cuidado ao considerar a realidade patriarcal das relações de gênero quando se pensa em homens negros. A antropóloga Mara Viveros Vigoya argumenta que “apesar da pluralidade de formas de masculinidade identificadas. Seja para adequar-se a elas ou para rejeitá-las, os homens devem situar-se perante essas normas.” (VIGOYA, 2018, p. 25). Por outro lado, Tommy J. Curry lembra que os homens brancos, descendentes de colonizadores, são reconhecidos pelas múltiplas formas de masculinidades a serem alcançadas; ao passo que aos homens negros, descendentes de escravizados em um cenário diaspórico, essa multiplicidade é negada, por vezes reduzida a um marcador patriarcal e filogenético de uma hipermasculinidade predatória, violenta e até hegemônica. Ou seja, “a anormalidade tóxica de uma masculinidade branca hegemônica torna-se a norma conceitual para homens e meninos negros.” (CURRY, 2017, p. 3, tradução nossa)⁶. Nesse sentido, Alan Augusto Ribeiro e Deivison Mendes Faustino chamam atenção para a ocorrência de que tomar os homens negros enquanto objetos de estudo sem se ater às suas complexidades é cair em uma armadilha colonial. Antes, é preciso considerar as narrativas e discursos produzidos pelos próprios sujeitos, o que possibilita aderir a fontes que tendem a fugir das figurações que dispersam e isentam homens negros de suas subjetividades.

O crítico literário Aimé J. Ellis enfatiza que Wright transpôs para *Native Son* um senso de comunidade entre homens negros, uma vez que as reuniões do personagem Bigger com seus colegas de gangue figuram uma espécie de expurgo às suas mentes em meio ao caos urbano de uma Chicago marcadamente segregada; há nos encontros de Bigger, Gus, Jack e G.H. um espaço homosocial para que compartilhem seus desejos, queixas e sonhos (ELLIS, 2011, p. 28). É evidente, no entanto, que considerar as narrativas produzidas por homens negros não seria sinônimo de embarcar em uma busca ingênua e isenta de críticas ao sujeito, mas sim inferir diferentes descrições que ressaltam um conjunto complexo de experiências intrínsecas às masculinidades negras (FAUSTINO; RIBEIRO, 2017, p. 173).

É assim que a produção cultural, mais especificamente a literatura romanesca, figura como uma grande aliada às questões colocadas por Faustino e Ribeiro para a contribuição dos estudos sobre masculinidades negras. Como argumenta Connell, da mesma maneira que a

⁶ No original: “In other words, the toxic abnormality of a hegemonic white masculinity becomes the conceptual norm for Black men and boys.”



masculinidade hegemônica estimula normas que nem sempre provêm das práticas de “homens reais” inseridos no mundo social tangível, mas sim por meio de dispositivos midiáticos, artísticos e culturais, é possível pensar o mesmo sobre as outras formas múltiplas de masculinidades. É nesse sentido que se insere a intervenção literária de Richard Wright e as figurações do homem afro-estadunidense em *Native Son*, considerando que a produção literária tanto alude quanto intervém no mundo social em que figura - mais precisamente: *transfigurando* e trazendo novos significados ao mundo tangível (FERREIRA, 2009, p. 67). Por isso, fugir ao regime fechado da chamada “intenção do autor” - ou uma suposta metalinguagem entre vida e obra do artista - e avaliar a *leitura* e *recepção* literária em sua dimensão criativa e imaginativa, enfatiza a sobrevivência da obra para além do seu contexto específico de produção, alcançando novas interpretações em contextos futuros à sua publicação (EAGLETON, 2021, p. 123).

Ambiguidades em *Native Son*: entre o mito do estuprador negro e a categoria do romance de protesto

“Ele cometia estupro toda vez que olhava para um rosto branco.” (WRIGHT, 1991, p. 658, tradução nossa)⁷

No ano de 1938, era publicado o primeiro livro de Richard Wright, intitulado *Uncle Tom's Children*, uma coletânea de contos sobre as violências da segregação racial no Sul dos Estados Unidos. A obra foi um sucesso de público, alcançou uma audiência nacional e chegou a ganhar o prêmio de melhor livro em um concurso redatorial patrocinado pelo *Federal Writer's Project (WFP)*. Mas, apesar do reconhecimento, a resposta do público ao trabalho precursor de Wright não refletiu a sua intenção, pois, em uma autoanálise de sua produção, Wright afirmou que:

Quando as resenhas deste livro começaram a sair, eu percebi que havia cometido um erro terrivelmente ingênuo. Eu descobri que havia escrito um livro em que até as filhas de banqueiros poderiam ler, chorar e se sentir bem com aquilo. Eu jurei a mim mesmo que se alguma vez eu escrevesse outro livro, ninguém iria chorar com ele, seria tão difícil e profundo que teriam que enfrentá-lo sem o consolo

⁷ No original: “He committed rape every time he looked into a white face.”



de lágrimas. Foi isso que me fez trabalhar seriamente. (WRIGHT, 1991, p. 874, tradução nossa)⁸

De fato, Richard Wright esforçou-se em produzir uma obra nunca vista na literatura estadunidense como um todo; uma história que retratou a raiva negra e a responsabilidade branca pela condição de subordinação da população afro-estadunidense. Foi assim que Wright deu forma ao seu romance mais popular e mais celebrado, conhecido como *Native Son* (1940), produzido como uma espécie de alerta sobre a violência desordenada nas grandes cidades dos Estados Unidos na primeira metade do século XX.

Como um jovem afro-estadunidense nascido na cidade de Roxie, no Mississippi, o escritor Richard Wright se juntou à Grande Migração em 1927, em direção à cidade de Chicago, no estado de Illinois. Dessa maneira, Wright vivenciou a década de 1930 no Norte do país, onde, diferentemente dos estados sulistas, as leis *Jim Crow* não eram aplicadas - porém, a segregação racial também era vigente nas grandes cidades do Norte, por meio de um racismo informal e não institucionalizado, sem precisar se afirmar por meio de qualquer tipo de lei regulatória. O acesso a ambientes públicos e privados era semelhantemente limitado, e trabalhos que antes eram ocupados pela população negra, passaram a ser ocupados pela população branca, gerando ainda mais desemprego entre a população afro-estadunidense (GREENBERG, 2009, p. 29).

Esse cenário é o que inspira Richard Wright e se torna plano central de seu romance, publicado pela editora *Harper and Brothers*, em 1940. Com um enredo dividido em três partes: *Fear, Flight e Fate* (Medo, Fuga e Destino), a história fictícia é ambientada no final da década de 1930 e apresenta um recorte da vida de Bigger Thomas, um jovem afro-estadunidense com vinte anos de idade, ao qual, assim como o próprio Richard Wright, mudou-se com sua família do Sul para o Norte dos Estados Unidos - mais especificamente para o *South Side* de Chicago, local de moradia destinado à população pobre e negra da cidade. O protagonista sofre com o racismo e a segregação: ele é pobre, tem pouca instrução educacional e vive em um apartamento de apenas um cômodo com a mãe e irmãos. Decidido a deixar uma vida de pequenos crimes e seguir uma vida considerada honesta, Bigger resolve

⁸ No original: "When the reviews of that book began to appear, I realized that I had made an awfully naive mistake. I found that I had written a book which even banker's daughters could read and weep over and feel good about. I swore to myself that if I ever wrote another book, no one would weep over it; that it would be so hard and deep that they would have to face it without the consolation of tears. It was this that made me get to work in dead earnest."



aceitar um emprego de chofer para uma família branca e influente na cidade: a família Dalton. Ele vê no trabalho uma forma de cruzar as barreiras de cor que compõem a sua realidade e alcançar a sua individualidade, conduzindo seus próprios atos e fugindo ao determinismo da segregação racial.

Como primeira tarefa, Bigger recebe a ordem de levar a filha de seu chefe até a universidade; no entanto, a jovem, chamada Mary Dalton, o induz para que não vá até o destino ao qual foi designado. Sem o consentimento de seu pai, Mr. Dalton, Mary pede para que Bigger a leve até uma reunião de comunistas, onde encontram com Jan: o companheiro da jovem. O casal tenta explicar a Bigger sobre como a causa comunista poderia supostamente somar forças à causa racial, e, ainda assim, o protagonista permanece confuso, sem entender o rumo da conversa e o que de fato seria “comunismo”.

Ao fim da noite, após saírem para beber em um bairro negro segregado e depois de se despedirem de Jan, Bigger e Mary chegam à residência dos Daltons. É a primeira vez que Bigger se vê sozinho com uma mulher branca, e, em estado de embriaguez, ele precisa levá-la em seus braços até o seu quarto - pois a bebida a deixou inconsciente e ela mal consegue andar. No entanto, desfigurando qualquer expectativa em relação ao enredo, o narrador onisciente descreve uma cena em que:

Ele [Bigger] a levantou e a deitou sobre a cama. Algo o incitou a sair imediatamente, mas ele se inclinou sobre ela, excitado, olhando o seu rosto na penumbra, sem querer tirar as mãos de seus seios. Ela tossiu e murmurou, sonolenta. Ele apertou seus dedos sobre os seios dela, a beijando de novo, sentindo seus movimentos sobre ele. Naquele momento ele estava atento apenas ao corpo dela. Ele estava atento apenas ao corpo dela; seus lábios tremiam. Então, seu corpo se enrijeceu. A porta atrás dele havia rangido. (WRIGHT, Richard, 1991, p. 524, tradução nossa)⁹

Nesse instante, Mrs. Dalton, a mãe de Mary, ao ouvir sons vindos do quarto, vai até o local para verificar o que se passa, porém, por ser cega, ela só é capaz de compreender a situação utilizando a sua audição. Ao percebê-la, o terror toma conta de Bigger e ele permanece em silêncio, empenhando-se em manter Mary quieta, abafando seus grunhidos com um travesseiro, de modo a não ser descoberto no local.

⁹ No original: “He lifted her and laid her on the bed. Something urged him to leave at once, but he leaned over her, excited, looking at her face in dim light, not wanting to take his hands from her breasts. She tossed and mumbled sleepily. He tightened his fingers on her breasts, kissing her again, feeling her move toward him. He was aware only of her body now; his lips trembled. Then he stiffened. The door behind him had creaked.”



Mas, quando Mrs. Dalton enfim deixa o quarto, ele se dá conta de que acidentalmente matou Mary asfixiada. E, no desespero de esconder o seu crime, Bigger tenta pôr o corpo sem vida de Mary na fornalha da mansão, tendo de decepar-la para que coubesse no braseiro.

No desenvolvimento do enredo, Bigger reage de formas diferentes acerca do assassinato de Mary: inicialmente, ainda que tomado por um sentimento de culpa diante do crime acidental, o protagonista tenta se livrar de qualquer vestígio que o ligue ao desaparecimento da jovem, ele continua a trabalhar para a família Dalton e busca incriminar Jan e os comunistas (chamados de *Reds*) por um suposto sequestro; porém, posteriormente, Bigger começa a assumir o ato como algo proposital, dando início a uma tomada de consciência sobre a segregação racial vivida pela população negra nos Estados Unidos.

Para Wright, as atitudes violentas de Bigger se justificam na circunstância de que o personagem seria uma espécie de alerta sobre o que a sociedade estadunidense e os seus meios de segregação racial estariam criando. No posfácio de *Native Son*, intitulado “How Bigger Was Born”, Wright declara que:

[...] concedendo o estado emocional, a tensão, o medo, a raiva, a impaciência, o sentimento de exclusão, o desejo por uma ação violenta, a fome cultural e emocional, Bigger Thomas, condicionado como é seu organismo, não vai se tornar um ardente, ou até tépido, adepto do *status quo*. (WRIGHT, 1991, p. 866, tradução nossa)¹⁰

Native Son alcançou um tremendo sucesso comercial, vendendo aproximadamente duzentos e quinze mil cópias nas três primeiras semanas de seu lançamento e tornando Richard Wright um dos autores mais importantes da literatura afro-estadunidense no século XX. Mas, ao mesmo tempo em que a obra foi um sucesso de vendas, ela também foi lida e interpretada de diferentes maneiras nos anos seguintes ao seu lançamento. Uma das principais questões em relação à interpretação do romance é o debate em torno da figuração do homem afro-estadunidense por meio do protagonista, Bigger Thomas. É evidente que Richard Wright introduziu ao público leitor uma obra completamente nova na literatura estadunidense como um todo. Em 1963, vinte e três anos após a primeira publicação do romance, o escritor e crítico literário Irving Howe chegou a afirmar que:

¹⁰ No original: “[...] granting the emotional state, the tensiety, the fear, the hate, the impatience, the sense of exclusion, the ache for violent action, the emotional and cultural hunger, Bigger Thomas, conditioned as his organism is, will not become an ardent, or even a lukewarm, supporter of the *status quo*.”



No dia em que *Native Son* apareceu, a cultura estadunidense mudou para sempre. Não importa quanta qualificação o livro possa necessitar mais tarde, tornou-se impossível a repetição das velhas mentiras. Em toda sua crueza, melodrama e claustrofobia visual, o romance de Richard Wright trouxe à tona, como ninguém havia feito antes, o ódio, o medo e a violência que aleijaram e ainda podem destruir a nossa cultura. (HOWE, 1963, p. 354, tradução nossa)¹¹

Por outro lado, James Baldwin, que também é considerado um dos maiores nomes da literatura afro-estadunidense, influenciado diretamente por Wright, o criticou em seu conjunto de ensaios intitulado *Notes of a Native Son* (1955), alegando que o livro deu continuidade a estereótipos racistas criados pelo imaginário da supremacia branca nas décadas anteriores. Para Baldwin, Richard Wright aludiu ao sofrimento negro e entregou a um público majoritariamente branco apenas o retrato de um homem negro violento, insensível e imoral. Em seu autoexílio na cidade de Paris, Baldwin escreveu um ensaio intitulado “O romance de protesto de todos”, afirmando que:

[...] a tragédia de Bigger não é ser frio ou ser negro ou estar faminto, nem mesmo ser um negro americano, e sim o fato de que ele aceitou uma teologia que lhe nega a vida, de que ele admite a possibilidade de ser sub-humano e se sente impelido, portanto, a lutar por sua humanidade segundo os critérios brutais que herdou ao nascer. (BALDWIN, 2020, p. 49)

Não seria exagero afirmar que Wright refigura antigos estereótipos acerca da população negra na história dos Estados Unidos, especialmente o que Angela Davis chamou de “o mito do estuprador negro”. Em *Mulheres, Raça e Classe*, a autora dedica um capítulo para tratar do problema do estupro e a sua relação com o racismo na história dos Estados Unidos. No capítulo intitulado “Estupro, racismo e o mito do estuprador negro”, a autora afirma que o abuso sexual seria um problema resultante da sociedade capitalista contemporânea, em um cenário no qual as leis anti-estupro seriam formuladas a fim de proteger os interesses dos homens brancos de classe média, aos quais, para além de temerem pela segurança de suas filhas e esposas, consideravam os supostos estupros cometidos por homens negros como um insulto à sua honra e moral.

¹¹ No original: “The day *Native Son* appeared, American culture was changed forever. No matter how much qualifying the book might later need, it made impossible a repetition of the old lies. In all its crudeness, melodrama and claustrophobia of vision, Richard Wright's novel brought out into the open, as no one ever had before, the hatred, fear and violence that have crippled and may yet destroy our culture.”



Essas acusações fraudulentas de estupros supostamente cometidos por homens negros seria uma ferramenta historicamente efetiva formulada pelo racismo nos Estados Unidos, algo criado como justificativa às ondas de violência, linchamentos e terror direcionadas aos *corpos* e à *carne* das comunidades afro-estadunidenses. Dessa forma, enfatizando o caráter relacional e de poder da categoria *gênero*, como foi destacado posteriormente por Joan Scott (1995, p. 75), Angela Davis ressalta como o mito do estuprador negro serviu de ferramenta de domínio não apenas contra os homens, mas também contra as mulheres afro-estadunidenses:

[...] a representação dos homens negros como estupradores reforça o convite aberto do racismo para que os homens brancos se aproveitem sexualmente do corpo das mulheres negras. A imagem fictícia do homem negro como estuprador sempre fortaleceu sua companheira inseparável: a imagem da mulher negra como cronicamente promíscua. Uma vez aceita a noção de que os homens negros trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e animais, toda a raça é investida em bestialidade. (DAVIS, 2016, p. 186)

Angela Davis argumenta que, uma vez criado o discurso de que os homens negros possuíam impulsos sexuais irrefreáveis contra as mulheres brancas, seria também sustentada a afirmação de que as mulheres negras, por sua vez, estariam prontamente dispostas a não controlar a sua suposta promiscuidade para com os homens brancos e, assim, estaria aberto um espaço propício para a deslegitimação das queixas contra o abuso sexual cometido contra as mulheres afro-estadunidenses. Além disso, essa violência direcionada às mulheres negras não deixou de ter reflexos sobre as mulheres brancas, pois, no instante em que os homens brancos estariam convencidos de seu poder sobre o corpo feminino negro, não seria diferente com as mulheres de sua própria raça, que sofreram efeitos indiretos dos abusos, como prova de que o racismo, por vezes, alimenta também o sexismo.

Ainda que não citado por Angela Davis em seu texto, um notório exemplo da produção cultural que figura o homem afro-estadunidense como um estuprador inato é possível de ser visto no filme *Birth of a Nation* (1915), de D. W. Griffith. Considerado uma revolução técnica na história do cinema, *Birth of a Nation* funcionou como uma espécie de propaganda do discurso supremacista branco, contando sua própria versão sobre o período da reconstrução nos Estados Unidos. *Native Son*, em certa medida, está em estreito diálogo com essas figurações inerentes à cultura supremacista branca estadunidense, mas o debate em torno do enredo, e da própria figura de Richard Wright enquanto intelectual, não



se encerra de maneira tão simples. De acordo com Homi Bhabha, ao invés de reconhecer as imagens do discurso colonial (ou, nesse caso, supremacista branco) como positivas ou negativas, o que deve ser posto em evidência são os processos de subjetivação tornados plausíveis por meio do discurso do estereótipo; assim, o ponto de relevância desloca-se para uma análise da eficácia do discurso colonial/supremacista, bem como do seu repertório de poder e resistência, a fim de compreender o que constrói o colonizado e o colonizador (BHABHA, 1998, p. 106).

Paul Gilroy, no seu clássico *Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, dedica um capítulo inteiro a Richard Wright, atestando que o escritor via o negro enquanto metáfora dos Estados Unidos; como uma construção histórica e social ligada à instituição da escravidão e que, portanto, não correspondia a nenhum suposto atributo biológico ou essencialista. Nessa lógica, Gilroy afirma que Wright:

[...] ficava particularmente horrorizado com a possibilidade de que a massa de seus leitores brancos pudesse encontrar intensos prazeres na imagem de negros como vítimas do racismo ou, mais simplesmente, que pudessem ficar inteiramente à vontade com as representações da dor e do sofrimento dos negros, que inevitavelmente fluíam das tentativas de lidar seriamente com a operação sistemática do racismo na sociedade americana. (GILROY, 2001, p. 294)

Richard Wright, então, estaria plenamente consciente da construção histórica da ideia de raça e dos possíveis conflitos interpretativos de sua obra quando transpôs para o seu romance a *transfiguração* de um homem negro que, em sua primeira vez a sós com uma mulher branca e inconsciente, abusa de seu corpo - ainda que impedido pela presença de Mrs. Dalton e o posterior assassinato acidental de Mary.

O personagem criado por Wright é apresentado em seu limite, um limite físico e psicológico enfatizado pela separação da *linha de cor*, previsto por W. E. B. Du Bois, ainda em 1903, como o principal problema do século XX (2021, p. 15). Bigger se vê impelido a cruzar os limites da *linha de cor* que compõe a sua realidade e alcançar a sua individualidade; uma maneira de fundir o que Du Bois chama de experiência cindida do negro nos Estados Unidos (2021, p. 23): O protagonista de *Native Son* é estadunidense, mas também é negro e, por isso, deseja abdicar de uma experiência dual no interior de sua alma e tomar consciência de si, tornando-se senhor de seus próprios atos e enxergando-se não mais pela revelação do *Outro*, mas através de si



mesmo. É assim que, bem no começo de *Fear*, a primeira parte do romance, Bigger, em conversa com Gus, um de seus companheiros de gangue, queixa-se dos limites impostos à população negra que vive no *Black Belt* de Chicago, evidenciando a sua revolta e insatisfação em viver sob a condição de segregação imposta por uma barreira racial:

Droga, se liga! Nós vivemos aqui e eles vivem lá. Nós somos negros e eles são brancos. Eles têm tudo e nós não temos nada. Eles fazem coisas que nós não podemos fazer. É como viver em uma jaula. Passo metade do tempo pensando que estou fora do mundo espiando através de um buraco numa cerca... (WRIGHT, 1991, p. 436, tradução nossa)¹²

Como apontado anteriormente, a recepção do enredo foi mista. James Baldwin é, sem dúvida, o principal expoente acerca das leituras críticas sobre *Native Son*. O escritor e ensaísta afro-estadunidense critica o que, para ele, seria um simples jogo de ataque e revide entre brancos e negros; algo que, presente no que ele chama de *romances de protesto*¹³, fundamenta a sensação de viver pautada somente pela violência e pela morte contemplativa entre as raças, desconsiderando toda a complexidade da vida humana, em sua beleza e pavor. Assim, Baldwin afirma que:

Toda a vida de Bigger é controlada e definida por seu ódio e seu medo. E, mais adiante, seu medo o impele ao assassinato, seu ódio o leva ao estupro; por fim, ele morre, e somos informados de que foi graças a essa violência que, pela primeira vez, ele teve uma espécie de vida, pela primeira vez afirmou sua masculinidade. (BALDWIN, 2020, p. 48)

De fato, conforme o argumento de Baldwin, Bigger Thomas passa por uma transformação psicológica após o assassinato acidental de Mary Dalton: afirmando o controle de sua própria vida e, de certa forma, afirmando sua masculinidade. Nesse sentido, W. Lawrence Hogue, professor e pesquisador de literatura estadunidense e afro-estadunidense na Universidade de Houston, propõe uma análise essencial no que tange à dimensão psicológica que proporciona a revolta do personagem criado por Richard Wright. Por meio de uma análise

¹² No original: “Goddammit, look! We live here and they live there. We black and they white. They got things and we ain’t. They do things and we can’t. It’s just like living in jail. Half the time I feel like I’m on the outside of the world peeping in through a knot-hole in the fence....”

¹³ Na tradição literária estadunidense, o termo *romance de protesto* atribuía diretamente um sentido de “discurso racial”, operando como uma descrição velada para o que se considerava “obras de segunda categoria”. Ver: DAVIS, Nicole Waligora. Weaving jagged words: the black left, 1930s-1940s. In: GRAHAM, Maryemma; WARD, JR., Jerry W. (org.). **The Cambridge History of African American**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 323.



pautada em referenciais pós-coloniais e psicanalíticos, Hogue argumenta que, em sua gênese, *Bigger* vive uma situação de dominação colonial que aflige diretamente a sua *psique*. Envolto em um complexo de inferioridade e desumanização, *Bigger* é marcado pela fábula do *American Dream*; vinculado a uma masculinidade patriarcal que não o beneficia e o coloca numa posição de vulnerabilidade enquanto homem negro; sentindo medo, fome, vergonha e culpa diante da segregação racial em que vive - e que não o deixa reagir (HOGUE, 2009, p. 13). Para Hogue:

Wright explora as condições de possibilidade para a revolta de um afro-estadunidense urbano e subalterno que foi violentamente segregado e apagado, a possibilidade de alcançar uma libertação psicológica e transformadora, de tornar-se um indivíduo existencial, de falar. (HOGUE, 2009, p. 12, tradução nossa)¹⁴

Ainda que leituras posteriores como a de Lawrence Hogue proponham uma análise essencial no que tange à dimensão psicológica que proporciona a revolta de *Bigger Thomas* e a sua forma de se libertar de uma colonização mental, se afirmar e alcançar uma autonomia em meio à segregação racial, é notório que a análise de Angela Davis também apresenta um caráter essencial no que se refere aos símbolos de dominação patriarcal, racista, colonial e capitalista na sociedade estadunidense do – pós-escravidão, sobretudo a figura do estupro negro inato, facilmente perceptível em *Native Son*.

Ao observar a vida de Richard Wright, é possível captar semelhanças quanto ao seu personagem: ambos são afro-estadunidenses que viveram o Sul e o Norte dos Estados Unidos, obstruídos a desfrutar de uma identidade masculina hegemônica e prestigiada. Wright, assim como *Bigger*, carece de uma figura paterna e é pressionado sob a necessidade de assumir o difícil papel de provedor e responsável pelo cuidado, segurança e proteção dos mais novos e dos mais velhos em seu núcleo familiar. *Criador e criação* questionam o porquê de haver um mundo branco e um mundo negro separados por uma explícita *linha de cor*. Ambos se percebem como um ponto fora da curva em relação a todos que se encontram à sua volta - mas um confronta sua insatisfação afirmando-se pela violência e externalização da raiva; enquanto o outro busca nos livros e no seu desenvolvimento intelectual uma forma de desafiar o sistema vigente. De fato, Wright não trilhou o caminho da

¹⁴ No original: “Wright explores the conditions of possibility to revolt for an urban, subaltern African American who has been violently segregated and erased, the possibility to achieve psychological liberation and transformation, to become an existential individual, and to speak.”



violência para afirmar sua humanidade e ser dono de si; pelo contrário, ele negou um sistema sexista que o colocaria sob uma subclasse de desumanização e uma posição subserviente frente ao sistema supremacista branco - é sobre esse prisma que há um paradoxo na criação de Bigger. Em razão disso, Ralph Ellison questiona como Richard Wright “poderia ser um exemplo tão maravilhoso da possibilidade humana, mas não poderia, por razões ideológicas, retratar um homem negro tão inteligente, tão criativo ou tão dedicado quanto ele.” (ELLISON, 2003, p. 167, tradução nossa)¹⁵.

Refletindo acerca dos aspectos teóricos no que tange à dimensão de gênero e raça, fica evidente que pensar as masculinidades negras em países de legado colonial-escravista é levar em consideração que os impactos gerados pela escravidão e pós-escravidão, em seus diferentes contextos, exercem forte influência nas construções das subjetividades de homens negros. A obra de Richard Wright, nesse sentido, traz uma rica reflexão sobre as consequências do racismo e da segregação racial na agência e na consciência de homens afro-estadunidenses que, ainda hoje, em territórios marginalizados dos Estados Unidos, estão sujeitos à exposição das diferentes formas de violência impostas aos seus corpos discursivamente racializados.

Conclusão

A complexidade da obra de Wright está na ambiguidade de sua recepção crítica - especialmente acerca de suas figurações sobre o homem negro nos Estados Unidos. É nesse sentido que um diálogo contíguo entre o autor, o texto e os leitores pode trazer luz sobre os problemas de gênero e raça figurados no romance. A importância da obra de Wright se dá não apenas para a história da literatura afro-estadunidense, mas também para o cânone geral da literatura produzida nos Estados Unidos. Parte da produção acadêmica atual sobre a obra de Wright aponta o aspecto psicológico de Bigger Thomas, pondo em ênfase a interpretação de que o protagonista vivencia um processo de descolonização mental, o qual, como bem enfatizado por Fanon, é sempre um fenômeno violento, proporcionando a substituição de uma “espécie” já existente de homens, por outra “espécie” completamente nova, modificando o *ser* e ordenando uma nova organização social

¹⁵ No original: “[...] he could be so wonderful an example of human possibility but could not for ideological reasons depict a Negro as intelligent, as creative or as dedicated as himself.”



(FANON, 1968, p. 25). Por outro lado, as figurações de antigos estereótipos apresentados pelo imaginário da supremacia branca nos Estados Unidos, especialmente a do “mito do estuprador negro”, foi e é alvo de controvérsias pelos diferentes públicos leitores que adentram a obra de Richard Wright em seu ato criativo de leitura.

De qualquer forma, *Native Son* é, sem dúvida, um livro impactante, profundo, complexo e instigante. Um romance que, infelizmente, ainda carece de uma tradução brasileira apropriada. A tradução feita por Monteiro Lobato, publicada pela Companhia Editora Nacional, em 1941, é um material propício à produção de uma pesquisa específica. Devido à uma falta de comprometimento com as lutas antirracistas afro-estadunidenses associadas ao livro de Wright, a tradução assinada pelo escritor brasileiro não só apresenta problemas acerca da transposição de palavras, mas também uma série de problemas editoriais.¹⁶ No mais, com os devidos cuidados, ainda é uma leitura importante para compreensão dos debates sobre racismo nos Estados Unidos na década de 1940.

Referências

AMORIM, Lauro Maia. O (não) engajamento em traduções da literatura afro-americana no Brasil: o caso de *Filho Nativo*, de Richard Wright. **TradTerm**, São Paulo, v. 24, p. 239-262, 16 dez. 2014.

BALDWIN, James. **Notas de um filho nativo**. Tradução: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 50-71.

BHABHA, Homi. A outra questão: O Estereótipo, a Discriminação e o Discurso do Colonialismo. *In*:_____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 105-128.

BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Tradução: Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020, p. 125-137.

¹⁶ Sobre as traduções brasileiras, ver: AMORIM, Lauro Maia. O (não) engajamento em traduções da literatura afro-americana no Brasil: o caso de *Filho Nativo*, de Richard Wright. **TradTerm**, São Paulo, v. 24, p. 239-262, 16 dez. 2014.



BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 Edições; Crocodilo Edições, 2019. p. 8-53.

_____. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

_____. Gênero em tradução: além do monolinguismo. Tradução: Fernanda Miguens e Carla Rodrigues. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, v. 39, n. 2, 2021, pp. 364-387.

_____. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Chão da feira**, nº 78, jun. 2018. Caderno de leituras, p. 1-16.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 15-60.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2^a ed. Berkeley: University of California Press, 2005.

_____. MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos feministas**. V. 21, p. 241-282, 2013.

CURRY, Tommy J. **The man-not**: race, class, genre and the dilemmas of black manhood. Philadelphia: Temple University Press, 2017.

DAVIS, Angela. Estupro, racismo e o mito do estuprador negro. *In*: _____. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Herci Regina Candini. 1^a ed. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 177-203.

DAVIS, Nicole Waligora. Weaving jagged words: the black left, 1930s-1940s. *In*: GRAHAM, Maryemma; WARD, JR., Jerry W. (org.). **The Cambridge History of African American**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades**: introdução à teoria feminista. Tradução: Jamile Pinheiro Dias, Raquel Camargo. São Paulo: Crocodilo; Ubu Editora, 2021.



DU BOIS, W. E. B. Sobre os nossos conflitos espirituais. *In:* _____. **As almas do povo negro**. Tradução: Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021. p. 19-31.

EAGLETON, Terry. Interpretação. *In:* _____. **Como ler literatura**. Tradução: Denise Bottmann. 3^a. ed. Porto Alegre: L&PM, 2021. p. 123-177.

ELLIS, Aimé J. “Boys in the Hood”: Black Male Community in Richard Wright’s *Native Son*. *In:* _____. **If We Must Die: From Bigger Thomas to Biggie Smalls**. 1^a ed. Detroit: Wayne State University Press, 2011. p. 23-42.

ELLISON, Ralph. **Homem invisível**. Tradução: Mauro Gama. 3^a. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

_____. The World and the Jug. *In:* CALLAHAN, John F. (ed.). **The collected essays of Ralph Ellison**. New York: Modern Library, 2003. P. 155-188.

FANON, Frantz. Da Violência. *In:* _____. **Os Condenados da Terra**. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 23-74.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. *In:* PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. 1^a ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 61-91.

GILROY, Paul. “Sem o consolo de lágrimas”: Richard Wright, a França e a ambivalência da comunidade”. *In:* _____. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. 1^a. Ed. São Paulo: Editora 34, 2001. P. 281-349.

GREENBERG, Cheryl Lynn. To ask for na equal chance: african americans in the great depression. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2009.



HOGUE, W. Lawrence. Can The Subaltern Speak? A Postcolonial, Existential Reading of Richard Wright's Native Son. **The Southern Quarterly**, v. 46, n. 2, p. 9-39, 2009.

hooks. **We Real Cool: Black Men and Masculinity**. Routledge: New York, 2004.

HOWE, Irving. Black Boys and Native Sons. **Dissent Magazine**, p. 353-368, 1963. Disponível em: <<https://www.dissentmagazine.org/article/black-boys-and-native-sons>> Acesso em: 23 jan. de 2023.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 320, p. 935-952, 2014.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. *In*: _____. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. 1^a. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. p. 27-66.

RIBEIRO, Alan Augusto. Homens Negros, Negro Homem: sob a perspectiva do feminismo negro. **REIA: Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, Recife, v. 2, n. 2, p. 52-75, 2015.

RIBEIRO, Alan Augusto Moares; FAUSTINO, Deivison Mendes. Negro tema, negro vida, negro drama: Estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Revista Transversos**. "Dossiê: Áfricas e suas diásporas". Rio de Janeiro, n^o. 10, pp.163-182, Ano 04. ago. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**: Porto Alegre, v. 20, n^o 2, julho/dezembro, 1995, p. 71-99.

SPILLERS, Hortense. Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense. *In*: BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella Z. e ARIAS, André (orgs.). **Pensamento negro radical: antologia de ensaios**. São Paulo: Crocodilo; N-1 edições, 2021, p. 27-69.



VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade:** experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WRIGHT, Richard. **12 Million Black Voices.** Brattleboro: Echo Point Books & Media, 2019.

_____. How “Bigger” Was Born. *In:* RAMPERSARD, Arnold (ed.). **Richard Wright: Early Works.** New York: Library of America, 1991. p. 851-881.

_____. Native Son. *In:* RAMPERSARD, Arnold (ed.). **Richard Wright: Early Works.** New York: Library of America, 1991. p. 443-850.

WYNTER, Sylvia. Humano Envolvido: carta aberta a colegas. *In:* BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella Z. e ARIAS, André (orgs.). **Pensamento negro radical:** antologia de ensaios. São Paulo: Crocodilo; N-1 edições, 2021, p. 71-100.



Resumo em língua inglesa

THE PRESENT RESEARCH SEEKS TO UNDERSTAND THE FIGURATIONS OF BLACK MASCULINITIES IN THE UNITED STATES THROUGH A NOVEL OF AFRICAN-AMERICAN LITERATURE ENTITLED *NATIVE SON* (1940), BY THE WRITER RICHARD WRIGHT. THE FICTIONAL STORY IS SET IN CHICAGO AT THE END OF THE 1930S, SHOWING THE CONSEQUENCES OF RACIAL SEGREGATION IN THE LIFE OF BIGGER THOMAS, A YOUNG BLACK MAN WHO, ACCIDENTALLY, IS COMPELLED TO COMMIT THE MURDER OF A YOUNG WHITE WOMAN NAMED MARY DALTON. THE IMMEDIATE SUCCESS OF *NATIVE SON* AND SUBSEQUENT EDITIONS OF THE NOVEL MADE RICHARD WRIGHT ONE OF THE MOST IMPORTANT AUTHORS OF AFRICAN-AMERICAN LITERATURE IN THE 20TH CENTURY. HOWEVER, WHILE THE WORK WAS A COMMERCIAL SUCCESS, IT WAS ALSO READ AND INTERPRETED IN DIFFERENT WAYS IN THE DECADES FOLLOWING ITS RELEASE. ONE OF THE MAIN ISSUES REGARDING THE EXAMINATION OF THE NOVEL IS THE DEBATE AROUND THE FIGURATION OF THE AFRICAN-AMERICAN MAN THROUGH THE PROTAGONIST, BIGGER THOMAS. GIVEN THE PRODUCTION CONTEXT AROUND THE WORK AND THE RESULTING READINGS AND INTERPRETATIONS MADE IN SUBSEQUENT DECADES, THIS ARTICLE SEEKS TO UNDERSTAND HOW THE FICTION WRITTEN BY RICHARD WRIGHT COMPOSES FIGURATIONS ABOUT THE AFRICAN-AMERICAN MAN IN DIALOGUE WITH THE CRITICAL RECEPTION OF THE WORK.

PALAVRAS-CHAVE: Native Son. History and Literature. Black Masculinities.

Douglas PEREIRA DINIZ

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisa temas relacionados à História da literatura afro-estadunidense em diálogo com as perspectivas de gênero e masculinidades.

Recebido em: 31/05/2024

Aprovado em: 02/09/2024